

Terras do Sem-fim (1943): a expressão poética de uma paisagem em transformação

Bruno José Rodrigues Frank

da Universidade Estadual de Londrina – Paraná - Brasil

bruno.j.frank@gmail.com

Resumo: Em *Terras do Sem-Fim*, romance publicado em 1943, o escritor baiano Jorge Amado traz um cenário muito vivo das transformações econômicas e sociais ocorridas na porção sul do estado da Bahia durante o início do Século XX. Trata dos conflitos pela posse da terra e a criação e ascensão dos lugares e a caracterização da ocupação no território, não escapa da lente detalhista do escritor. Este artigo pretende analisar a obra a luz de categorias como lugar e paisagem a partir do estilo, da representação dos fenômenos e da estrutura narrativa de forma a apresentar um quadro geográfico de leitura da obra.

Palavras-Chave: Jorge Amado. Itabuna. Sul da Bahia.

Introdução

Jorge Amado, um dos mais aclamados escritores brasileiros e um dos principais intérpretes da alma brasileira foi um observador atento das transformações ocorridas em sua terra natal, a Bahia. Seu décimo romance aborda um tema comum de sua extensa produção literária, a das intrincadas relações na política e a modificação da Paisagem no sul da Bahia durante a expansão da produção do cacau no primeiro quarto do século XX. Trata-se de uma área que herda a arquitetura das grandes fazendas do Brasil Colonial.

Capatazes, jagunços, caboclos, estrangeiros inconformados, prostitutas e coronéis são os personagens de sua trama. A Paisagem que encontra expressão na obra consiste da proximidade afetiva que mistura sons, imagens e sensações de impressionante habilidade estética que marcam um escritor com amplo domínio de sua arte. Para o crítico literário Roger Bastide, a obra representa: “(...) a obra-prima de nosso autor, realiza a síntese perfeita entre o documento, de um lado, e a poesia do outro (BASTIDE, 1972, p.47)”.

O romance ocorre dos anos 1890 até meados de 1930, com a elevação de Itabuna à condição de município. Sua trama circula em torno das disputas pelo cacau em torno da tríade de lugares, os povoados de Tabocas e Ferradas e a cidade de Ilhéus: Lugares em ascensão, alimentados pela monocultura do cacau.

A região cacauzeira ou zona cacauzeira costuma referir-se ao sul e sudoeste da Bahia (ROCHA, 2008), ancorado pela cidade de Ilhéus, em uma área distante o bastante das regiões mais secas do estado para sustentar um plantio exigente e demorado como o do cacau.

Já a narrativa se desenvolve em torno da luta entre dois grandes latifundiários/famílias, os Badarós e o Coronel Horácio pela posse de uma área denominada de Sequeiro Grande, uma região cobiçada e não demarcada legalmente.

A estrutura do livro procura induzir uma explicação evolutiva dos lugares. Para tal, divide em capítulos que seguem uma lógica de pequenos atos como em: A terra adubada com sangue/A Mata/Gestação de Cidades/O Mar/A Luta/O Progresso.

Este artigo procura analisar as características geográficas por trás da expressão literária e estrutura da narrativa (formas de discurso, personagens, estrutura, dentre outros) e a transformação da Paisagem por meio das ações e da psique dos personagens.

O artigo divide-se em três partes: a primeira dedica-se à vida do autor e sua influência no romance seguido pelos exemplos do tipo de expressão poética que a paisagem possui na obra. Em seguida contrastamos as diferentes visões da natureza e a relação com o lugar a partir da postura dos personagens. Por último, analisamos a construção desta paisagem regional a partir dos personagens e o papel da política na criação do lugar.

O autor em sua obra

Procuramos compreender o papel do autor em sua obra de forma a estabelecer referenciais iniciais de análise a fim de proceder a comparação, procurando explicar o conteúdo da obra “em relação com a existência do seu autor, evitando a marca de um determinismo mecânico de ordem psicogeográfica (BROSSEAU apud Lévy 1984, p.40-41, 2007).

Jorge Amado buscou compreender o Brasil a partir do cotidiano, de pessoas comuns a grandes coronéis e políticos regionais retratando, em certo grau a dimensão de suas angústias e ambições. Foi exilado diversas vezes por conta de sua atuação política. Participou do Partido Comunista (PCB) como parlamentar e foi exilado durante a ditadura do Estado Novo. Considerado representante do modernismo regionalista de tipo modernista¹ de que fez parte:

¹ Integrou junto com Gilberto Freire e outros autores de renome, o movimento Região e Tradição (BASTIDE, 1972).

(...) o regionalismo era ao mesmo tempo uma corrente nova e uma velha corrente. Corrente nova por vontade de Gilberto Freire, que lhe dava um cunho de certa forma política: reatar com a tradição patriarcal a tradição da cordialidade entre as três raças consecutivas do Brasil, nas quais a industrialização nascente e o capitalismo agrário abriam, pelo contrário, uma brecha feita de tensões e de conflitos – voltar, portanto, aquém da época atual, às origens históricas da formação do Brasil e de sua originalidade cultural (BASTIDE, 1972, p.40).

Naturalismo entendido aqui como um estilo que conjuga uma descrição próxima daquela produzida pelos primeiros naturalistas e viajantes, adicionando, na literatura a prosa típica do romance. Ao avaliar o conjunto de sua obra, o crítico francês afirma que: “oscila, de forma inquietante e clara, entre dois planos que se inscrevem, cada um deles, no território do mágico e do real, do símbolo e da evidência, do temporal e do anacrônico. (BASTIDE, 1972, p.72)”.

A região foi constituída com base na concentração fundiária e o poder político residual nas mãos dos coronéis, em sua grande maioria, fazendeiros do cacau (RANGEL, 2013; SANTOS, 1957). O surto do crescimento e ganhos financeiros com o cacau se deu em um ambiente da valorização internacional da produção, com constante processo migratório e abertura de novas fazendas e cidades, principalmente durante os anos 1920-1930 (Séc.XX).



Figura 1-Triade de lugares-referência na obra (Ilhéus, Itabuna e Ferradas). Retirado de IBGE: 1969.

O antigo arraial de Tabocas (onde se desenvolve parte da trama) é a atual cidade de Itabuna, fundado em 1873 por uma família de sergipanos² (IBGE, 1967). Em torno de si orbitam uma série de lugares descritos na obra.

Ferradas, um dos povoados retratados na obra é o local de nascimento de Jorge Amado. Nascido em 1912, é filho do coronel João Amado Faria e vive grande parte de sua infância por entre as fazendas de cacau próximas à Itabuna da qual Ferradas é distrito.

Terras do Sem-Fim faz parte do segundo ciclo de sua produção literária, a procura construir por uma dialética entre o “naturalismo, tendendo ao máximo para o documento, (...) propaganda política, e a poesia popular (BASTIDE, 1972, p.46, adaptado)”.

Jorge Amado faz uso de uma modalidade muito particular da história oral. São suas fontes de informação ou inspiração os causos ao pé do ouvido entre conversas informais, das festas de domingo e dos cochichos nas ruas, nos bares e nos bordéis.

A poética na Paisagem

A arte de Jorge Amado consistiu – como o atesta o sucesso de seus romances traduzidos em inúmeras línguas – em transformar uma categoria regional bem caracterizada, o Nordeste brasileiro, numa categoria universal (BASTIDE, 1972, p.52).

A própria morfologia urbana do sítio urbano de Ferradas retrata um povoado nascido no esteio de tropeiros, comum a muitas localidades brasileiras. Seu traçado de via principal, no estilo caminho de ligação entre localidades, à proximidade de regiões de pastagem e um grande rio (Rio Cachoeira) são elementos residuais na forma atual que fazem referência à própria constituição da paisagem, tão bem assimilada pelo autor ao narrar a transformação do arraial em povoado.

O conceito de paisagem possui uma natureza polissêmica, no entanto em linha gerais podemos compreendê-la como um conjunto de informações de caráter visual ou simbólico que podem possuir manifestação física ou estarem presentes no imaginário (como no caso de obras literárias) mas que se assentem de alguma forma na experiência real dos seres humanos, existindo diversas abordagens a respeito da palavra “Paisagem” (CLAVAL, 2007)³.

² Embora não seja objeto deste artigo, a gênese e distribuição das primeiras famílias sergipanas são descritas pelo autor no primeiro capítulo da obra.

³ O que nos interessa neste artigo é a paisagem como representante das características de um determinado local ou região. Para mais informações a respeito da polissemia do conceito de paisagem, ver “ten ways of Seeing the Landscape” (MEINIG, 1979).

A paisagem figura na literatura, em grande medida como um elemento que anima a natureza ou acaba por dar-lhe uma espécie de alma. Castagnino (1968 apud Palhan 1945) apresenta três maneiras de se explicar o caráter anímico⁴ da Paisagem na literatura:

1º) suas aparências exibirão certos traços de uma natureza semelhante à nossa; 2º) existem analogias entre tais aparências e nossos estados anímicos e ; 3º) há paisagens particularmente aptas a fazer experimentar tal impressão de alegria ou terror que podemos atribuir-lhes o estado de ânimo que nos produzem (CASTAGNINO, 1968, p.94).

O cenário das ações (a paisagem) não só como resultado das ações humanas, mas reagente de estados emocionais. Na passagem a seguir, um exemplo do terceiro tipo descrito por Palhan. Aqui a chuva é responsável pela reconstrução do cenário, um agente de recomposição:

E a chuva caía pesada como se fora o começo de outro dilúvio. Ali tudo lembrava o princípio do mundo. Impenetrável e misteriosa, antiga como o tempo e jovem como a primavera, a mata aparecia diante dos homens como a mais temível das assombrações. Lar e refúgio dos lobisomens e das caaporas. Imensa diante dos homens. Ficavam pequenos aos pés da matam pequenos animais amedrontados. Do fundo da selva vinham as vozes estranhas. E mais terrível era o espetáculo, já que a tempestade irrompia com fúria, do céu negro, onde nem a luz de uma estrela brilhava para os homens recém-chegados. (AMADO, 2009, p.38).

Outro recurso utilizado é o da paisagem em movimento que arremete o leitor à sensação de passagem de um personagem ou lugar para o outro, simulando os movimentos de um filme. Essa virada e Tour pela Paisagem regional, do tipo cena são reforçados pelo uso de maiúsculas:

EM TORNO DA MATA, NA NOITE DE AMBIÇÕES, DESEJOS E SONHOS desencadeados, as luzes se acendiam. Luzes de placas de querosene da casa de Horácio, luzes na casa dos Badarós. Vela que Don`Ana acendera aos pés da Virgem, no altar da casa-grande, para que ela ajudasse os Badarós nos dias que iam vir, vela que iluminava o caminho do defunto que os homens levavam para entregar às filhas, em Ferradas. Luzes na Fazenda das Baraúnas, onde Juca Badaró e Maneca Dantas chegaram quase ao mesmo tempo para conversar com Teodoro. Luz de fifós vermelha e fumacenta, nas casas dos trabalhadores que despertavam mais cedo para ouvir a história do negro Damião que havia errado a pontaria e sumira ninguém sabia para onde. Luz na casa de Firmo onde dona Teresa esperava o marido com seu corpo branco, pronto para seu amor na cama de jacarandá. Luzes nas casas dos pequenos lavradores despertados pela inesperada chegada de Firmo com os cabras de Horácio, convidando-os para o almoço no dia seguinte. Em torno da mata brilhavam as luzes das lanternas, das placas, dos candeeiros e dos fifós⁵. Marcavam os limites da mata do Sequeiro Grande, ao norte e ao sul, a leste e a oeste. (idem, p.104).

⁴ Entende-se por animismo é a visão de mundo em que entidades não-humanas (tais como animais, plantas, objetos inanimados ou fenômenos) possuam uma essência espiritual ou uma alma (GARUBA, 2012).

⁵ Fifós são pequenos lampiões de querosene.

Esse uso de caixa alta nas palavras iniciais do parágrafo e a seqüência em um único corpo textual reforçam no leitor a sensação de movimento. Mais a frente: “AS CHUVAS LONGAS DO INVERNO ERAM PESADAS, A ÁGUA CANTAVA NOS telhados, escorria pelos vidros da janela. O vento do mar sacudia as árvores do quintal derrubando as folhas e os frutos verdes (idem, p.213)”.

Essa paisagem na obra de Jorge Amado é mediadora, mas também agente. Tira o protagonismo típico dos homens, quebrando o ritmo de uma visão unilateralmente antropocêntrica dominada essencialmente pelos desejos dos agentes econômicos.

As visões da natureza e do lugar

Existe uma diferença de visões de mundo entre os personagens que estrutura a forma como se relacionam. Jorge Amado capta a essência de tropeiros, trabalhadores rurais e coronéis em suas convicções, conversas e trato com a terra.

De acordo com Holzer (1999), podemos definir lugar como:

Proponho que se defina o lugar sempre como um centro de significados e, por extensão, um forte elemento de comunicação, de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de sua essência espacial, sem a qual torna-se outra coisa, para a qual a palavra "lugar" é, no mínimo, inadequada. (HOLZER, 1999, p.76).

A topofilia ou elo afetivo da pessoa com o lugar (TUAN, 2013) e se realiza a partir da experiência e “(...) os lugares como ponto de referência, só passam a produzir sentido a partir do momento em que são ocupados por alguma coisa (GOMES, 2013, p.36)”. Essa é a lógica por trás da conquista da “natureza” como construção do lugar, inscrito em Terras do sem-fim, no entanto, como veremos, a abordagem dos personagens difere substancialmente na leitura desta relação.

Desta forma reflete as ambições de cada um conforme suas atitudes frente à mesma Paisagem. No trecho a seguir a relação entre as forças da natureza para aqueles que abriam a mata se contrapõe aos sonhos de avareza do Coronel Badaró:

Deixaram cair os machados, os serrotes e as foices. Estão de mãos inertes diante do **espetáculo terrível da mata**. Seus olhos abertos, desmesuradamente abertos, veem o deus em fúria ante eles. Ali estão as assombrações. Não é possível prosseguir, nenhuma mão de homem pode se levantar contra o deus. Recuam devagar, o medo nos corações. Explodem os raios sobre a mata, a chuva cai. Miam as onças, silvam as cobras e, sobre todo o temporal, as lamentações dos lobisomens, das caporas e

das mulas de padre defendem o mistério e a virgindade da mata. Diante dos homens está a mata, é o passado do mundo, o princípio do mundo. Largam os facões, os machados, as foices, os serrotes, só há um caminho, é o caminho de volta.

Também ele estava ante [Badaró] a mata, também ele viu os raios e ouviu os trovões, escutou o miado das onças e o silvo das cobras, também seu coração se apertou com o grito agourento do corujão. Também ele sabia que ali moravam as assombrações. Mas Juca Badaró não via na sua frente à mata, o princípio do mundo. Seus olhos estavam cheios de **outra visão**. Via aquela terra negra, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau. Via na sua frente não mais a mata iluminada pelos raios, cheia de estranhas vozes, enredada de cipós, fechada nas árvores centenárias, habitada de animais ferozes e assombrações. Via o campo cultivado de **cacauzeiros**, as árvores dos frutos de ouro regularmente plantadas, os cocos maduros, amarelos. Era belo, Nada mais belo no mundo que as roças de cacau. Juca Badaró diante da mata misteriosa, sorria. Em breve ali seriam os cacauzeiros, carregados de frutos, uma doce sombra sobre o solo. Nem via os homens com medo, recuando. (AMADO, 2009, p.39-40, adaptado, grifo nosso).

Há uma lógica que norteia a relação dos homens com a mata. No primeiro cenário, o homem luta contra a mata, mas é refém da natureza: a teme. No segundo, Badaró anseia pelas árvores de cacau apesar das forças da natureza, trata-se da paisagem no sentido de conquista.

Um exemplo da natureza do relacionamento entre os personagens e o lugar dá-se, por exemplo, na reação de Margot, a amante francesa de Dr. Rui (uma amante francesa ou “afrancesada” era símbolo de desejo e status) é típica do estranhamento originado pela mudança. Sobre Ilhéus, a capital regional do cacau, confrontam-se opiniões afetivas e conflituosas, como a de Dr. Rui. Sobre a cidade:

MARGOT ESTENDEU A MÃO, APONTOU O TRECHO DE RUA QUE SE VIA pela janela aberta, queria indicar todo o povoado de Tabocas:

- Isto é a última terra do mundoé um cemitério....

(...)

- Aqui é o mercado de escravos... [sobre Ilhéus]

Dizia com um certo orgulho e desprezo, era assim que ele amava aquela cidade que nascera de repente, filha do porto, amamentada pelo cacau, já se tornando a mais rica do estado, a mais próspera também. Existiam poucos ilheenses de nascimento que já tivessem importância na vida da cidade. Quase todos os fazendeiros, médicos, advogados, agrônomo, políticos, jornalistas, mestres de obras eram gente vinda de fora, de outros estados. Mas amavam estranhamente aquela terra venturosa e rica. Todos se diziam grapiúnas e, quando estavam na Bahia, em toda a parte eram facilmente reconhecíveis pelo orgulho com que falavam.

- Aquele é um ilheense....-diziam.

Nos cabarés e nas casas de negócio da capital eles arrotavam valentia e riqueza, gastando dinheiro, comprando do bom e do melhor, pagando sem discutir os preços, topando barulhos sem discutir o porquê. Nas casas de rameiras, na Bahia, eram respeitados, temidos e ansiosamente esperados. E também nas casas exportadoras de produtos para o interior os comerciantes de Ilhéus eram tratados

com a maior consideração, tinham crédito ilimitado. (idem, 2009, p.173-174, adaptado).

Assim, as sensações de proximidade e de estranhamento são construídas pela relação das pessoas com o lugar. Criam-se uma série de comportamentos típicos que irá fazer a imagem do ilheense e do grapiúna (Itabuna).

Esta relação entre afetividade e lugar torna-se mais clara quando envolve o sentimento de nostalgia e apego a terra que se traduz em um constante retorno ao cacau:

(...) já ouviu homens venderem suas roças, juntarem o dinheiro e jurarem na beira da estrada que nunca mais voltariam. Partiam para Ilhéus para esperar o primeiro navio que saísse para a Bahia. Na Bahia tinham de tudo, cidade grande, comércio de luxo, casa de conforto, teatro e bonde de burro. Lá tinha de um tudo, o homem estava com dinheiro no bolso, pronto para gozar a vida. Mas antes do navio sair o homem voltava, o visgo do cacau está pegando na sola dos seus pés, e ele vinha e enterrava de novo o seu dinheiro num pedaço de terra para plantar cacauero.... (...) **Diziam que era o visgo do cacau mole que agarra nos pés de um e nunca mais larga.** Diziam as canções cantadas nas noites das fazendas...(idem, p.195, grifo nosso).

O cenário de lutas e as narrativas inscritas na Paisagem

“É de ver a alegria que de uma hora para outra resplandece na fisionomia de todos quantos têm sua vida ligada ao cacau” (SANTOS, 1957, p. 19).

A paisagem é quase um personagem, agindo como observador e participante. Os homens travam batalhas contra ela. Jorge Amado agrega à mata uma qualidade mística, às vezes traiçoeira. Em Terras do Sem-Fim, a natureza não permanece passiva e transforma-se em fonte de mistérios e assombrações.

Outro componente da construção da memória do lugar é o cenário das lutas em Sequeiro grande entre Badaró e Horácio. Tem-se uma noção de passagem, de temporalidade, de travessia e de ritual:

[em versos]

Quando eu morrer...

Me levem numa rede balançando...

Agora passariam as redes na estrada, seria uma cena que se repetiria em muitas noites. E o sangue pingaria delas e regaria a terra. Essa não era uma terra para bailes e pastores azuis, de boinas encarnadas. Era uma terra negra, boa para o cacau, a melhor do mundo. Sobe a voz, mais próxima ainda, sua canção de morte:

Quando eu morrer

Me enterrem na beira da estrada...

Havia cruzeiros sem nomes na estrada. Homens que haviam caído, de bala ou de febre, sob o punhal também, nas noites de crime ou de doença. Mas os cacauzeiros nasciam e frutificavam, seu Maximiliano dissera que, no dia em que todas as matas estivessem plantadas, eles imporiam seus preços nos mercados norte-americanos. Teriam mais cacau do que os ingleses, em Nova York se saberia o nome de Sinhô Badaró, dono das fazendas de Cacau de São Jorge dos Ilhéus. Mais rico que Misael...Na beira de uma estrada repousaria Horácio repousaria Horácio, com cruzeiros sem nome estariam Firmo e Braz, Jarde, e Zé da Ribeira (idem, p.193-194, adaptado).

Horácio é o grande rival de Badaró e é aquele com quem trava a batalha pela mata do Sequeiro Grande. A Cruz sem nome representa o triunfo sobre o inimigo. São também os feitos que inscrevem a memória da história na Paisagem. Na citação abaixo, os feitos repetidos pelos trovadores ganham ares épicos:

Mas contavam também da coragem da gente de Horácio, dos homens que iam com ele, de Braz o sobre todos corajoso, que ferido com três balas matara ainda assim dois homens:

*Braz, de nome Brasilino
José dos Santos, se chamava,
Com ele fiava fino,
Mesmo do chão atirava,
Tando ferido, matava!*
(idem, p.200-201)

Por fim, a terra segue adubada pelo sangue dos homens. A luta pelas matas do Sequeiro Grande gerava seus frutos. Aqui aparece a mística do conflito dos homens:

CINCO ANOS DEMORAVAM OS CACAUEIROS A DAR OS PRIMEIROS FRUTOS. Mas aqueles que foram plantados sobre a terra do Sequeiro Grande enfloraram no fim do terceiro ano e produziram no quarto. Mesmo os agrônomos, que haviam estudado nas faculdades, mesmo os mais velhos fazendeiros, que entendiam de cacau como ninguém, se espantavam do tamanho dos cocos de cacau produzidos, tão precocemente, por aquelas roças.

Nasciam os frutos enormes, as árvores carregadas desde os troncos até os mais altos galhos, cocos de tamanho nunca visto antes, a melhor terra do mundo para o plantio de cacau, aquela terra adubada com sangue. (idem, p.259-260)

Assim como as limitações físicas impostas pelo território interferem na forma de muitos povoados de boca de sertão. As condições de organização e segregação espacial são impostas também pelas doenças. Lembrando que à época, nos rincões do país o contágio poderia devastar populações inteiras. A prudência acaba se aliando à necessidade de

discriminação de certos grupos: bexigosos, hansênicos e tuberculosos. A passagem a seguir ilustra bem esta relação:

A varíola e o tifo eram endêmicos no povoado e a casa melhor de Ferradas não estava propriamente nas suas ruas. Estava mais para dentro da mata, era o lazareto onde se internavam os bexigosos. Diziam que nenhum bexigoso voltava de lá. Era cuidado por um preto velho que tivera a bexiga negra e se salvara. Ninguém entrava no pedaço de mata onde estava o lazareto. Infundia um terror em toda a população. (AMADO, 2009, p.119)

De povoado à cidade: os personagens e a criação do lugar.

O silêncio ia pela rua afora. Uma rua de canto no povoado de Ferradas. Casas pequenas, de barro batido, algumas cobertas de palha, duas ou três de telhas, a maioria de zinco. Ali viviam as rameiras, ali os trabalhadores das fazendas vinham nos dias de festa em busca de amor. (AMADO, p. 110).

O capítulo sobre a gestação das cidades merece atenção especial. Inicia contando a história dos personagens, de como o destino de cada um deles encaixa-se na construção do lugar. O lugar como um amontoado de experiências pessoais que permanecem invisíveis aos olhos.

Jorge Amado cola a experiência pessoal, os dramas existenciais à criação do lugar. No crescimento do povoado, o autor narra cronologicamente as alterações nas feições:

Ferradas nascera em torno do Armazém de Cacau que Horácio fizera construir ali. Ele precisava de um depósito onde juntar o cacau já seco das suas diversas fazendas. Ao lado do Armazém foram surgindo casas, em pouco tempo se abriu uma rua de lama, dois ou três becos a cortaram, chegaram as primeiras prostitutas e os primeiros comerciantes. Um sírio abriu uma venda, dois barbeiros se estabeleceram vindos de Tabocas, passou a haver feira aos sábados. Horácio mandava abater dois bois pra vender a carne. Tropeiros, que vinham conduzindo tropa de cacau seco das fazendas mais distantes, pernoitavam em Ferradas, os burros vigiados por causa dos ladrões de cacau. (...)

Eram assim as histórias do povoado de Ferradas, feudo de Horácio, coito de bandidos. Dali partiam para as matas os desbravadores de terra. Era um mundo primitivo e bárbaro cuja única ambição era dinheiro. Cada dia chegava gente desconhecida em busca de fortuna. De Ferradas partiam as novas estradas recém-abertas da terra do cacau. De Ferradas, os homens de Horácio iam partir para dentro das matas de Sequeiro Grande. (idem, p.119-122, adaptado).

É interessante observar o fenômeno de abertura de novas estradas e integração de novos chegados, pois se trata claramente da situação de muitas franjas pioneiras. A abertura e conexão de estradas servem não somente para travessia, mas enquanto propulsor de determinados grupos que se alimentam das redes estabelecidas entre os lugares. Assim ocorre a transformação no campo e a incorporação de novas localidades:

MUITOS ANOS DEPOIS, QUANDO ALGUÉM ATRAVESSAVA ESSE POVOADO de Ferradas em companhia de um velho que conhecia as histórias da terra do cacau, era quase certo o velho comentar, apontando as casas e as ruas cuja lama desaparecera sob o calçamento das pedras:

-Isso aqui já foi coito dos piores bandidos dessa terra. Muito sangue já correu em Ferradas. No começo do cacau...

O povoado de Ferradas era feudo do Horácio. Estava encravado entre as fazendas dele. Durante algum tempo Ferradas marcara os limites da terra do cacau. Quando os homens iniciaram no Rio do Braço a plantação da nova lavoura, ninguém pensava que ela ia terminar com os engenhos de açúcar, os alambiques de cachaça e as roças de café que existiam ao redor do Rio do Braço, de banco de Vitória, de Água Branca, os três povoados da beira do rio Cachoeira que ia dar no porto de Ilhéus. (idem, p.117-118).

Amado descreve as origens comuns associadas a muitos povoados do tipo boca de sertão no Brasil. Um bom exemplo é dado pelo caso das três irmãs. Uma história de vida com reviravoltas no amor, mortes e casamentos malfadados que as encerram num destino comum: prostitutas servindo num bordel. Amado cola esta narrativa, de crescimento das personagens com a solidificação do lugar.

Ao representar o povo, Jorge Amado quebra o penhor sociológico de inspiração naturalista na descrição e atuação dos personagens vindos do povo. Nos dizeres de Bastide (1972, p.42): “(...) pela primeira vez, o povo irá tornar-se povo e, pela primeira vez, o povo irá poder expressar-se na literatura brasileira com personalidade própria, em toda sua espontaneidade criadora de cultura (BASTIDE, 1972, p.42, adaptado)”.

Para o povo representado no romance é o senso de comunidade que se sobrepõe às rivalidades locais entre o povo. Os laços de comunidade se sobrepõem aos preconceitos sociais nos momentos de grande comoção social. Todos são humanos.

Outro marco é o traço da relação cordial e passivo-agressiva⁶ desenvolvido entre os indivíduos no trato com a política partidária. Estas instituições de caráter extrativista refletem de sobremaneira a continuidade ou os conflitos entre o poder político e o poder econômico. O exemplo a seguir é ilustrativo disso:

Nas eleições havia barulhos, tiros e mortes. Horácio [coronel] ganhava sempre e sempre perdia porque as urnas eram fraudadas em Ilhéus. Votavam vivos e mortos, muitos votavam sob a ameaça dos cabras. Nesses dias Tabocas se enchia de jagunços que guardavam as casas dos chefes políticos locais: o do dr. Jessé, que era eternamente o candidato de Horácio, a de Leopoldo Azevedo, chefe dos governistas, a do dr. Pedro Matta, agora também a do dr. Virgílio, o novo advogado. Havia uma farmácia para cada partido e nenhum doente que votasse nos Badarós se tratava com o dr. Jessé. Era com o dr. Pedro. Os dois médicos mantinham relações pessoais, mas diziam horrores um do outro. (AMADO, idem, p.125).

⁶ Esse traço foi notado por intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda p.ex. Ver o Homem cordial (HOLANDA, 2015).

A força da pressão política sobre o Estado a fim de conseguir regalias e benefícios. A história da elevação a município seria do tipo contado pela enciclopédia dos Municípios do IBGE (em aspecto formal).

E, APÓS AS ELEIÇÕES QUE LEVARAM O DR. JESSÉ FREITAS À CÂMARA federal como deputado do governo (...), e que transformaram o interventor em governador constitucional do estado, um decreto criou o município de Itabuna, desmembrando-o do de Ilhéus. A sede do novo município era o ex-arraial de Tabocas, agora cidade de Itabuna. Uma ponte sobre o rio ligava os dois lados da jovem cidade. (idem,p.258)

É a criação do município que avança e serve quase como expiação para tanta violência derramada. Um ato final, uma violência ao final, redentora. Vinda do bispo e transformação em diocese que Tabocas torna-se Itabuna. Um ato final. Nas palavras finais do romance, dizia um dos jornais: “A elevação a diocese não é senão um ato de reconhecimento ao progresso vertiginoso de Ilhéus, conquistado pelos grandes homens que sacrificaram tudo ao bem da pátria” (AMADO, 2009, p.258).

Considerações finais

A obra vai além dos conflitos pela terra e de disputas pessoais entre coronéis. É a cooperação entre os personagens que irá fornecer o material capaz de sedimentar a memória do lugar. É a paisagem cotidiana que Jorge Amado irá trabalhar. É possível visualizar estas características (políticas, culturais e naturais) na paisagem regional. Cada um dos atos (capítulos) estabelece uma cronologia épica da construção dos lugares, na qual o leitor consegue acompanhar a própria evolução da malha urbana através de um mapa mental.

Reconhecer a história na literatura é um passo importante para a formação de uma imaginação geográfica, senão de uma imaginação moral necessária à interpretação de distantes realidades geográficas e diferentes tempos históricos. Sabe-se dos riscos de compreender um romance como uma peça histórica. Mas é através da percepção do autor que criamos paralelos entre o estudo de tabelas e fatos históricos e a constituição da paisagem.

Assim é possível extrair os componentes que circulam no imaginário brasileiro sobre uma região. Tipos, práticas e domínios do visual sobre nossa imaginação adentram os estudos em seu caráter mais cultural e humano.

Terras do Sem-fim (1943): poetical expressions in a shaping landscape.

Abstract: Released in the 1943 by Jorge Amado, the novel *Terras do Sem-Fim* (Violent Land in the English version), the author portrays a vivid scenario of economical and social changes in the XX's first quarter in the south of Bahia. With great detail, themes as the pursuit of land by regional barons, the ascension and decadence of places and the occupation of territory. In this article we frame the novel in geographical categories such as landscape and place, investigating the style and the structure of narrative.

Key-words: Jorge Amado. Itabuna. South of Bahia.

Referências

- AMADO, J. *Terras do Sem-fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1943].
- BASTIDE, R. *Sobre o romancista Jorge Amado*. In: MARTINS, J. D. B. Jorge Amado- Povo e Terra: 40 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1972. p. 39-70.
- BROSSEAU, M. Geografia e Literatura. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, L. *Geografia cultural: Uma Antologia*. Rio de Janeiro: Eduerj, v. II, 2013. p. p.165-292.
- CASTAGNINO, R. *Análise Literária*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- GARUBA, H. Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura da literatura, cultura e sociedade africana. *Nonada, Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 19, n. Tradução de Elisângela Tarouco., p. 235-256, 2012.
- GOMES, P.C. *O lugar do Olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2013.
- HOLANDA, S. B. D. *Raízes do Brasil*. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HOLZER, W. *O lugar na Geografia Humanista*. Revista Território. Rio de Janeiro. Ano IV, nº 7. p.67-78, 1999.
- IBGE. *Itabuna-Bahia*. Coleção Monografias. ed. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1967.
- MEINIG, D. W. *Ten ways to see a Landscape in: The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays*. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- RANGEL, M. *A crise do território-região cacauzeira da Bahia: os nós discursivos nas tramas do poder local para manter o território – 1980-2010*. Tese de doutorado em Geografia. - Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Geografia: Maringá, 2013.
- SANTOS, Milton. *Zona do cacau: Introdução ao Estudo Geográfico*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da Experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

Sobre o autor

Bruno José Rodrigues Frank – Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina.

Recebido para publicação em julho de 2018
Aceito para publicação em novembro de 2018